

Priapismo X Falicismo (Aproximação & Diferenças)

**Leonardo A.
Francischelli**

Membro Titular da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de
Porto Alegre

“...os homens devemos desenvolver ao máximo nossa condição de machos “conchico” aos efeitos de diminuir os estragos a que estamos expostos por esta epidemia corrosiva para a masculinidade. À mulher fálica opomos o homem “conchico” (Piterbarg, 1997, p.67).*

“...o fantasma do priapismo habita o homem ocidental desde todos os tempos e talvez, hoje mais que ontem” (Francischelli, 2001, p.171).

* O homem conchico é traduzido por homem feminino.

I

A sexualidade, em Freud, começa em Signorelli e termina em análise terminável e interminável, isto é, atravessa toda sua obra. Deixou algumas marcas e questões para sua posteridade. Entre as marcas, localizamos uma básica: que o inconsciente é sexual. Quanto às questões, marcaremos duas: a) em análise terminável e interminável, Freud (1937, p.253) coloca que tanto o homem como a mulher chocar-se-ão com a “Rocha de base”. Traduzindo: inveja do pênis, na mulher e revolta pela passividade, no homem.

Como sabemos essa “Rocha de base” se traduz, no trabalho clínico, como uma forte resistência aos progressos da análise. Tanto é assim que postulamos que a “Rocha de base” vai operar como um núcleo aglutinador de todas as resistências, transformando-as em uma só forma resistencial que opera com a mesma lógica interna, tanto para a mulher como para o homem” (Francischelli, 2000, p.328). Lógica interna que é regulada pela idéia psicanalítica de Falo onde as resistências se fazem presentes, frente ao pensamento de que a feminilidade representaria o fantasma da incompletude, na medida em que tanto a mulher como o homem lutam contra essa ameaça castradora.

b) “O que quer a mulher?” questiona-se Freud (1925, p.262), interrogação lançada ao mundo como uma garrafa jogada ao mar contendo ali os segredos e os desejos de alguém que não os revela nunca. Mulher, esse “continente negro” (Freud, 1926, p.199) enigmático e tentador que atravessa a psicanálise até nossos dias.

Hoje gostaríamos de propor a mesma indagação só que com o sinal trocado: o que quer um homem?

Não ter medo no seu primeiro encontro com uma mulher? Ou, senti-lo, porém não confessá-lo, como aquela história que homem não chora? Nunca se angustiar frente a sua ereção? Estas são algumas trilhas para ingressarmos na sexualidade masculina um tanto marginalizada pela psicanálise ou dada por esgotada, como se também não tivéssemos mais que responder a nenhum interrogante.

II

Pensamos priapismo como uma fantasia universal do homem e, talvez da mulher, por que não? Nesse fantasma reina uma ereção sem limites. Seria a forma de o homem superar sua diferença com a mulher; no sentido de que ela está sempre disponível para o coito, enquanto ele depende da ereção. Assim, a sexualidade feminina, no sentido da cópula, é contínua, enquanto no homem descontínua.

Esse fantasma priapesco apartaria o homem do homem psicanalítico já que este deveria passar pelo complexo de Édipo e de castração, onde seu sexo anatômico se transformaria em sua sexualidade inconsciente e estaria marcado pela incompletude, ausente na fantasmagoria priapésca.

Fantasmagoria representante do fálico, onde falicismo se igualaria com priapismo. Ou, em linguagem do vocabulário psicanalítico, falaríamos de narcisismo primário, na medida em que não registraria marcas de Édipo e do complexo de castração.

Na tese de Piterbarg (1997, p.67), o homem “conchico” não só seria aquele que atravessou os desfiladeiros de Édipo e da castração mas também, por isso mesmo, aquele que é capaz de lutar contra aquilo que ele classifica de “a mulher fálica”, que nos oportuniza o momento de procurar estabelecer as diferenças entre a “mulher fálica” e a “mãe fálica”.

“Mãe-fálica” é a mulher que viveu a transformação de filha para mãe e que mantém com o filho uma relação de puro amor, sem ambivalência, como nos ensinou Freud. Em termos de Lacan (1958, p.165) é a mãe que não reconhece a “Metáfora Paterna”, isto é, forma um binômio, sem dar lugar ao ingresso de um terceiro. É aquela mulher que se transformou, por exemplo, em mãe de esquizofrênico que, dia após dia, comparece ao hospital psiquiátrico para levar alguma coisa ao seu amado filho como se nada no mundo tivesse acontecido. Faz sempre a mesma ação, ainda que o tempo já não seja inverno e, sim, primavera. Nada existe a não ser essa unidade mãe-filho sem buracos, ou seja, completa.

“Mulher fálica” é falar de alguém que esconde sua incompletude de forma inteligente e opera para o homem como alguém que pode conquistá-

lo visto que ela se encontra vizinha do feminino. Em termos de “Rocha de base”, seria aquela que melhor transitou por esse caminho, trânsito obrigatório para a feminilidade, como dizíamos, anteriormente.

“...a feminilidade é a forma crucial de ser sujeito, uma vez que, sem a ancoragem nas miragens da completude fálica e da onipotência narcísica, a fragilidade e a incompletude humanas são as formas primordiais de ser do sujeito” (Bartucci, 2001).

Entenderíamos, então, que “essas miragens na completude fálica” é que movem e alavancam na mulher o ser feminino que recoloca o homem na possibilidade de oferecer a sua masculinidade. Isto sempre e quando ele mesmo tenha cruzado os efeitos da “Rocha de base” sem maiores avatares e suportando, portanto, a travessia da passividade sem se sentir tomado pela feminilidade. Então sim, frente a uma mulher fálica, aquela que vela sua incompletude com sabedoria, o homem se deixará seduzir e ali exercerá sua masculinidade marcada pela castração.

Vemos, então, que a castração permite o exercício da sexualidade e não a impede, como se mal entende em algumas conversas, nos corredores das casas analíticas. Aliás, só a castração permite que a mulher seja feminina e o homem masculino.

III

“Ainda que nunca lhe tenha resultado fácil o exercício da sexualidade, o homem de hoje se encontra desorientado, desarticulado e, por que não dizê-lo, abismado com os avanços profissionais, sociais e políticos da mulher da sociedade dos nossos dias. Este movimento o teria deslocado de um lugar habitual de ‘senhor da casa’ para ‘senhor do nada’” (Francischelli, 2001, p.171).

Uma forma sintética de colocar a velha questão do homem frente à mulher. É como se sempre estivesse, pela primeira vez, cheio de medo,

mas, pelos efeitos da cultura machista, tivesse que mostrar coragem, valor e vigor, ainda que o coração bombeasse descompassadamente.

“Queremos convidar a uma reflexão sobre outras conseqüências, neste caso ocasionadas pelas diferenças fisiológicas existentes entre homens e mulheres. O homem para ‘ser’ tem que renunciar à sua identidade primária e ‘fazer’ alguma coisa, a ereção; a mulher já ‘é’, e o é, tal como destacamos, desde a identificação pré-histórica com a mãe. A masculinidade deve revalorizar-se cada vez e para sempre ... e não só no genital” (Piterbarg, 2001, p.323).

Além de considerar outros efeitos diferentes no homem em relação à mulher, o autor coloca que só num segundo tempo acontecem os efeitos do complexo de Édipo e de castração, como Freud os teorizou para o campo psicanalítico. E, por isso mesmo, diz ele que *“entendemos como ‘nova’ a estrutura sexual da masculinidade, por sua condição de secundária referente à feminilidade”* (Piterbarg, 2001, p.324).

Destacaremos, ainda, desse texto: *“o homem faz sua identidade. Cresce defendendo-a com temor a mostrar qualquer tipo de traço feminino, incluindo a ternura e a passividade. Pensamos que a masculinidade ou o homem, por que não, como construção secundária exige ou é solicitado a sustentar sua identidade”* (Piterbarg, 2001, p.324).

“As diferenças fisiológicas a que nos referimos têm importância crucial para diferenciar no psiquismo, os temores femininos dos masculinos. Pensamos que ainda sem evidências na consciência, o temor ao fracasso da ereção é universal e se manifesta no sujeito masculino por sua incessante procura de revalidar conquistas, sucessos, empreendimentos e, por que não, façanhas genitais” (Piterbarg, 2001, p.325).

Essas idéias são como as águas dos rios que correm para o mar na

medida em que elas se confundem com as fantasmagorias de um priapismo no psiquismo do homem, para afastá-lo de toda a passividade, ou, em termos mais gerais, de uma eventual crise na ereção.

Seria um fantasma fundamental, talvez utilizado como medida protetora, para se lidar com aquilo que Piterbarg coloca como “o temor do fracasso universal”, ainda que ele aconteça nas melhores famílias. Um pouco de humor para enfrentar as dificuldades, como o fez Freud, quando disse, frente à queima de seus livros pela “inteligência nazista”: ainda bem que agora queimam os livros, em outros tempos era o autor. Mesmo assim, isso não deixa de colocar na mesa as vicissitudes da sexualidade masculina, enquanto na mulher, não por ser mais simples, tudo se movimenta na pergunta, feita por Freud: “o que deseja uma mulher?” e que ainda hoje é uma indagação sem uma resposta definitiva.

Em relação ao homem ficaria a imagem de sua luta diária para a manutenção de uma imagem masculina. Em cada cenário, privado ou público, o homem está permanentemente se auto-questionando em torno de seus valores masculinos. Daí à construção de uma “teoria” do machismo seria só um passo, que serviria para distanciar-se dessa idéia que acossa o ser masculino de suas eventuais falhas, particularmente no campo da ereção. Afinal de contas, o homem é um menino que cresceu, segundo a versão de um paciente.

Hoje, talvez mais do que nunca, essa batalha ocupe um lugar importante no campo laboral, onde o desemprego é uma ameaça tão importante, tanto quanto os pensamentos sobre a sua ereção. “*O homem, injuriada sua potência, localizada no lugar de ‘senhor’, sente perigar sua sexualidade*” (Wernick, 2001, p.387), destino daqueles que fracassam nas atribuições masculinas que a cultura determina e exige.

IV

A teoria clássica de Freud, respeitando as colocações de Piterbarg, pareceria apontar resultados muito próximos. Se não vejamos: a castração, como dizíamos mais acima, é a operação que permite ao homem o exercí-

cio efetivo de sua sexualidade. Ao ver proibido incesto e parricídio, liberta-o para as outras mulheres, fora da endogamia. Porém e, ao mesmo tempo, ele – o complexo de castração – comanda uma operação, com uma determinada lógica, como dizíamos, onde a psicosexualidade não pode ser toda no sentido que atribuímos ao priapismo, por exemplo.

“O complexo de castração produz, em cada caso, efeitos no sentido do seu conteúdo: inibições e limitações da masculinidade” (Freud, 1925, p.275). Destacaremos “limitações da masculinidade” onde ela não possa ser plena. Caso assim fosse, cairíamos nessa corrente de priapismo que estamos utilizando como um novo ângulo de olhar o narcisismo primário, na masculinidade. Mas, nesse túnel, não se estabeleceria a sexuação humana. Esta só acontece, como defende a psicanálise, com as marcas da castração, que deixa buracos representados pelos fantasmas da impotência. São as marcas da sexualidade castrada, a única possível.

“O que outros varões precisam e devem empenhar-se em conseguir, não exige do feticista trabalho algum” (Freud, 1927, p.149).

Essa carência de trabalho para o feticista ocorre porque, através do fetiche, ele “dá uma curva” na ameaça de castração, que não apresenta toda a força que o homem comum vai ter para suportar no “osso do peito”. Não, o feticista através do fetiche, ainda que em um sentido fique preso a esse objeto, vai realizar uma economia psíquica frente ao complexo de castração que não é dado a economizar no chamado neurótico comum. Este, ao contrário, necessita do trabalho psíquico para viver os avatares das ameaças que nascem do complexo de castração.

O Fetichismo nos parece, então, como um belo testemunho dos efeitos, no homem comum, no neurótico do nosso tempo, se é que ainda existe, das vicissitudes da castração que tanto o homem como a mulher encontram pela frente no seu processo de crescimento psíquico. Contudo, através do fetichismo, encontramos um particular caminho, forma de caracterizar e inferir os efeitos do complexo de castração, ainda que indiretamente.

“A angústia frente ao pai é o que torna inadmissível o ódio a ele; a castração é terrorífica, tanto em sua condição de castigo, como na de pre-

ço pelo amor” diz Freud (1928, p.181) em seus comentários sobre Dostoievski.

Aqui queremos marcar esse “como no preço pelo amor” que seria a posição feminina, a nosso entender, do menino frente ao pai, justamente oferecendo-se femininamente, pelo sentimento de culpa nascido do ódio ao pai, surgido no complexo de Édipo positivo.

Freud, na mesma página, adverte que esse “namoro” do filho com o pai nasce como um sentimento que surge desde o interior da vida psíquica, e por isso mesmo, ele coloca que o superego transformou-se em sádico, ou seja, femininamente passivo.

Pareceria, portanto, que para o homem lhe é sempre mais fácil trabalhar com a agressão que com a ternura, visto que essa sempre o leva a encontrar-se com os componentes passivos, isto é, os elementos femininos de sua alma que, na maioria das ocasiões, lhe causam terror.

São fragmentos freudianos e de outros que destacamos para marcar as dificuldades que o menino encontra para o exercício da sua masculinidade estampada no corpo anatômico. E representa todo um trabalho psíquico que ele, menino, precisa realizar para fazer da sua masculinidade anatômica uma masculinidade psíquica ou chegar a uma psicosexualidade marcadamente masculina.

“O desejo sexual é, em efeito, o que serve ao homem para historizar-se enquanto é nesse nível onde pela primeira vez se introduz a lei”, fala Lacan (1956, p.225). A Lei da castração virá quebrar, romper o priapismo, marca do narcisismo primário. Em outras palavras, a Lei da castração será a saída do ego ideal para ingressar no ideal do ego/superego, dando lugar para se historizar dentro do jogo geracional.

Sinopse

O texto, basicamente, procura introduzir uma discussão em torno da sexualidade masculina partindo da idéia de um fantasma universal representado pelo “priapismo”.

Summary

The text, basically, tries to introduce a discussion around the masculine sexuality leaving of the Idea of an universal ghost acted by the “priapismo”.

Sipnosis

El texto, básicamente, intenta introducir una discusión alrededor de la sexualidad masculina que sale de la Idea de un fantasma universal actuó por el “priapismo”.

Palavras-chaves

Priapismo; Falo; Masculinidade.

Key-words

Priapism; Speech; Masculinity.

Palabras-llave

Príapo; Falo; Masculinidad.

Referências

- BARTUCCI, G. “Zero Hora” – Cultura – 22 – XII – 2001.
- FRANCISCHELLI, L.A (2000). “Análisis Terminavel y Interminable y el ano 2000. LA Clinica” XXVIII Congreso Interno y XXXVIII Symposium – APA, p.328.
- _____. (2001). “La Practica Teorica Actual: Inconciente y sexualidad – XXIX Congreso Interno y XXXIX Symposium – APA, p.171.
- FREUD, S. (1925). “Algunas consecuencias psicicas de la diferencia entre los sexos”. A.E. XIX, p.262, 275. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1926). “Pueden los legos ejercer el analisis?” A.E. XX, p.199. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1927). Fetichismo. A.E. XXI, p.149. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1928). Dostoyevski y el parricidio. A.E. XXI, p.181. Buenos Aires: Amorrortu.

- _____. (1937). “Análisis Terminable y Interminable” A.E.XXXIII, p.253. Buenos Aires: Amorrortu.
- LACAN, J. (1956). Las Psicosis. Buenos Aires: Paidós, p.225.
- _____. (1958). “Las formaciones del inconsciente”. Buenos Aires: Paidós, p.165
- PITERBARG, J.S. (1997). “El hombre Conchico”. Hectos Dinsmann Editor, p.67.
- _____. (2001). “La Practica Teorica Actual: inconciente y sexualidad – XXIX Congreso interno y XXXIX Symposium APA, p.323-325.
- WERNICK, L.P.R. (2001). “Desocupacion, una crisis conjugal y psicomatica – XXIX Congreso Interno y XXXIX Symposium – APA, p.387.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Dr. Leonardo Adalberto Francischelli
Rua Tobias da Silva, 267/206
90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: fchelli@matrix.com.br